

USO DE SUBSTÂNCIAS ESTIMULANTES ENTRE ESTUDANTES DE MEDICINA: PREVALÊNCIA, MOTIVAÇÕES E IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL

USE OF STIMULANT SUBSTANCES AMONG MEDICAL STUDENTS: PREVALENCE,
MOTIVATIONS, AND IMPACTS ON MENTAL HEALTH

USO DE SUSTANCIAS ESTIMULANTES ENTRE ESTUDIANTES DE MEDICINA:
PREVALENCIA, MOTIVACIONES E IMPACTO EN LA SALUD MENTAL

João Pedro Jordy Sant'Ana¹
Carlos Eduardo Rodrigues Campos²
Maria Eduarda Barcelos Ferreira Freire Siqueira³
Maria Eduarda Rodrigues Freire da Cunha⁴
Luís Fernando Castagnino Sesti⁵

RESUMO: O uso de substâncias estimulantes entre estudantes de Medicina tem se tornado cada vez mais frequente no contexto acadêmico, principalmente em decorrência da elevada carga horária, privação de sono e pressão por desempenho. Nesse cenário, o presente estudo teve como objetivo analisar os padrões de consumo de estimulantes entre acadêmicos de Medicina, bem como suas possíveis repercussões na saúde mental e na rotina acadêmica. Trata-se de uma pesquisa observacional, transversal, de abordagem quali-quantitativa, fundamentada em revisão narrativa da literatura e complementada por coleta de dados primários mediante aplicação de questionário eletrônico autoaplicável a estudantes de Medicina da Afya Palmas – Faculdade de Ciências Médicas. Participaram da pesquisa 279 estudantes. Os resultados evidenciaram elevada prevalência do uso de substâncias estimulantes, destacando-se a cafeína (80,6%) e as bebidas energéticas (62,7%), além do uso significativo de metilfenidato (26,5%) e lisdexanfetamina (25,1%). As principais motivações estiveram relacionadas à melhora da concentração, compensação da privação de sono e redução da fadiga. Também foram observadas alterações relacionadas ao sono, sintomas ansiosos e percepção de dependência. Conclui-se que o consumo de estimulantes encontra-se amplamente disseminado entre estudantes de Medicina, refletindo a necessidade de estratégias institucionais voltadas à promoção da saúde mental e conscientização sobre os riscos do uso indiscriminado dessas substâncias.

Palavras-chave: Estudantes de Medicina. Estimulantes. Saúde Mental. Psicofarmacologia.

¹Discente do curso de Medicina na Afya Palmas – Faculdade de Ciências Médicas.

²Discente do curso de Medicina na Afya Palmas – Faculdade de Ciências Médicas.

³Discente do curso de Medicina na Afya Palmas – Faculdade de Ciências Médicas.

⁴Discente do curso de Medicina na Afya Palmas – Faculdade de Ciências Médicas.

⁵Doutor em Biomedicina. Docente na Afya Palmas – Faculdade de Ciências Médicas.

ABSTRACT: The use of stimulant substances among medical students has become increasingly frequent within the academic environment, mainly due to excessive workload, sleep deprivation, and pressure for high academic performance. In this context, the present study aimed to analyze the patterns of stimulant consumption among medical students, as well as their possible repercussions on mental health and academic routine. This is an observational, cross-sectional study with a qualitative-quantitative approach, based on a narrative literature review and complemented by primary data collection through a self-administered electronic questionnaire applied to medical students at Afya Palmas – Faculty of Medical Sciences. A total of 279 students participated in the study. The results demonstrated a high prevalence of stimulant use, especially caffeine (80.6%) and energy drinks (62.7%), in addition to significant use of methylphenidate (26.5%) and lisdexamfetamine (25.1%). The main motivations reported were improvement in concentration, compensation for sleep deprivation, and reduction of fatigue. Sleep disturbances, anxiety symptoms, and perception of dependence were also observed. It was concluded that stimulant consumption is widely disseminated among medical students, highlighting the need for institutional strategies aimed at mental health promotion and awareness regarding the risks associated with the indiscriminate use of these substances.

Keywords: Medical Students. Stimulants. Mental Health. Psychopharmacology.

RESUMEN: El uso de sustancias estimulantes entre estudiantes de Medicina se ha vuelto cada vez más frecuente en el contexto académico, principalmente debido a la elevada carga horaria, la privación del sueño y la presión por el rendimiento académico. En este contexto, el presente estudio tuvo como objetivo analizar los patrones de consumo de estimulantes entre estudiantes de Medicina, así como sus posibles repercusiones en la salud mental y en la rutina académica. Se trata de un estudio observacional, transversal, con enfoque cualitativo-cuantitativo, fundamentado en una revisión narrativa de la literatura y complementado con la recolección de datos primarios mediante la aplicación de un cuestionario electrónico autoaplicable a estudiantes de Medicina de Afya Palmas – Facultad de Ciencias Médicas. Participaron en el estudio 279 estudiantes. Los resultados evidenciaron una alta prevalencia del uso de sustancias estimulantes, destacándose la cafeína (80,6%) y las bebidas energéticas (62,7%), además del uso significativo de metilfenidato (26,5%) y lisdexanfetamina (25,1%). Las principales motivaciones estuvieron relacionadas con la mejora de la concentración, la compensación de la privación del sueño y la reducción de la fatiga. También se observaron alteraciones relacionadas con el sueño, síntomas de ansiedad y percepción de dependencia. Se concluye que el consumo de estimulantes se encuentra ampliamente difundido entre los estudiantes de Medicina, evidenciando la necesidad de estrategias institucionales dirigidas a la promoción de la salud mental y a la concienciación sobre los riesgos asociados al uso indiscriminado de estas sustancias.

Palabras clave: Estudiantes de medicina. Estimulantes. Salud mental. Psicofarmacología.

INTRODUÇÃO

O curso de Medicina é amplamente reconhecido por sua elevada carga horária, intensa exigência cognitiva e ambiente altamente competitivo, fatores que frequentemente expõem os estudantes a níveis significativos de estresse físico e emocional. Nesse contexto, muitos

acadêmicos recorrem ao uso de substâncias estimulantes como estratégia para aumentar a concentração, prolongar o tempo de estudo e melhorar o desempenho acadêmico.

Entre essas substâncias, destacam-se o metilfenidato e a lisdexanfetamina, medicamentos indicados clinicamente para o tratamento do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), mas que vêm sendo utilizados de forma indiscriminada e sem prescrição médica por estudantes que buscam potencializar seu rendimento intelectual. Embora essa prática seja frequentemente naturalizada no ambiente universitário, seus efeitos podem acarretar importantes repercussões à saúde, incluindo ansiedade, irritabilidade, alterações do sono, taquicardia e risco de dependência química.

Estudos nacionais e internacionais apontam um crescimento progressivo do uso não terapêutico de estimulantes entre estudantes universitários, especialmente entre acadêmicos da área da saúde. Esse fenômeno está relacionado não apenas à pressão por produtividade e desempenho em avaliações, mas também às extensas jornadas de estudo e à competitividade presente na formação médica. Além dos impactos clínicos, o uso indiscriminado dessas substâncias evidencia uma problemática institucional e social, marcada pela valorização excessiva do rendimento acadêmico em detrimento da saúde mental e da qualidade de vida dos estudantes. A insuficiência de estratégias de apoio psicológico e de ações educativas voltadas à conscientização sobre os riscos associados ao consumo dessas substâncias contribui para a banalização dessa prática no meio acadêmico.

3

Diante desse cenário, torna-se fundamental compreender de que maneira os estudantes de Medicina se relacionam com o uso de substâncias estimulantes, investigando os fatores associados a essa prática e suas possíveis repercussões na saúde mental e na rotina acadêmica. Assim, o presente estudo tem como objetivo analisar o uso de estimulantes entre estudantes de Medicina da Afya Palmas, identificando padrões de consumo, principais motivações relacionadas ao uso e possíveis impactos físicos e psicológicos associados a essa prática, a fim de contribuir para a ampliação do debate científico e para o desenvolvimento de estratégias de conscientização e promoção da saúde no ambiente universitário.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa observacional, transversal, descritiva, de abordagem quali-quantitativa, fundamentada em revisão narrativa da literatura e complementada por coleta de dados primários. A investigação teve como objetivo analisar o uso

de substâncias estimulantes entre estudantes de Medicina, avaliando padrões de consumo, frequência de utilização, motivações associadas ao uso e possíveis repercussões relacionadas à saúde mental, ao sono e à rotina acadêmica.

A etapa teórica foi conduzida por meio de revisão narrativa da literatura, realizada a partir de buscas nas bases de dados PubMed, SciELO e Google Scholar, contemplando publicações disponíveis no período de 2006 a 2023. Foram utilizados descritores em português e inglês relacionados ao uso de substâncias estimulantes, psicoestimulantes, estudantes universitários, estudantes de Medicina, desempenho acadêmico, saúde mental, privação do sono e consumo não terapêutico de estimulantes. A seleção dos estudos priorizou trabalhos envolvendo populações universitárias, especialmente acadêmicos da área da saúde, em razão da reconhecida exposição desse grupo a elevados níveis de estresse, privação de sono, sobrecarga acadêmica e pressão por desempenho. Foram incluídos artigos originais, revisões sistemáticas e estudos observacionais relevantes para a temática proposta.

A etapa empírica consistiu na aplicação de um questionário estruturado, autoaplicável e anônimo, disponibilizado eletronicamente por meio da plataforma Google Forms. O instrumento de coleta foi elaborado pelos pesquisadores e composto predominantemente por questões objetivas e de múltipla escolha, organizadas em blocos temáticos relacionados ao perfil sociodemográfico dos participantes, período do curso, rotina acadêmica, hábitos de vida, padrão de uso de substâncias estimulantes, frequência de consumo, momento de início do uso, motivações associadas ao consumo, percepção dos efeitos decorrentes da utilização dessas substâncias e aspectos relacionados ao sono, saúde mental e percepção de dependência.

A população do estudo foi composta por estudantes regularmente matriculados no curso de Medicina da Afya Palmas – Faculdade de Ciências Médicas. A amostra foi obtida por conveniência, incluindo participantes que aceitaram voluntariamente responder ao questionário eletrônico durante o período de coleta. Foram incluídos estudantes maiores de 18 anos, regularmente matriculados no curso de Medicina e que concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram excluídos questionários preenchidos de forma incompleta, duplicados ou que não apresentassem concordância formal com a participação na pesquisa.

A coleta de dados ocorreu de forma remota, voluntária e sem identificação nominal dos participantes, garantindo anonimato, sigilo e confidencialidade das informações obtidas. O questionário foi amplamente divulgado entre os acadêmicos por meio de plataformas digitais e

redes de comunicação utilizadas pelos estudantes. Ao acessar o formulário eletrônico, os participantes tiveram acesso inicial ao TCLE, contendo informações acerca dos objetivos da pesquisa, riscos mínimos envolvidos, garantia de confidencialidade e liberdade para desistência da participação a qualquer momento, sem qualquer prejuízo acadêmico ou institucional.

Os dados obtidos foram organizados em planilhas eletrônicas utilizando o *Microsoft Excel*® e submetidos à análise estatística descritiva. As variáveis foram apresentadas por meio de frequências absolutas e relativas, permitindo a caracterização da amostra e a identificação de padrões relacionados ao uso de substâncias estimulantes entre os participantes. Posteriormente, os resultados foram organizados em tabelas e gráficos, visando facilitar a interpretação dos dados e a discussão dos achados à luz da literatura científica.

O estudo respeitou os princípios éticos estabelecidos pela Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, sendo submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da instituição responsável, sob parecer nº 8.289.405 e Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 95580125.6.0000.8075. Todos os participantes foram devidamente esclarecidos acerca dos objetivos da pesquisa e manifestaram concordância voluntária por meio do aceite eletrônico do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido disponibilizado no início do questionário.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A revisão da literatura demonstrou que o uso de substâncias estimulantes entre estudantes universitários, especialmente da área da saúde, constitui fenômeno crescente no ambiente acadêmico, com prevalência variando entre 8% e 30%, conforme o contexto e a população analisada (McCabe *et al.*, 2006; Arria e DuPont, 2010). Entre as substâncias mais frequentemente utilizadas destacam-se o metilfenidato, a lisdexanfetamina, a modafinila, além da cafeína em altas doses e bebidas energéticas, geralmente consumidas com a finalidade de aumentar a concentração, prolongar o estado de vigília e otimizar o desempenho acadêmico (Weyandt *et al.*, 2013; Vilar; Fontes; Silva, 2017). A literatura também evidencia associação entre o uso dessas substâncias e efeitos adversos importantes, incluindo ansiedade, insônia, irritabilidade, taquicardia, desenvolvimento de tolerância e risco de dependência psicológica (Oliveira; Batista; Fernandes, 2019; Almeida; Gomes; Souza, 2022).

Nesse contexto, os dados obtidos nesta pesquisa reforçam a relevância da discussão sobre o consumo de estimulantes entre estudantes de Medicina, especialmente diante da elevada carga acadêmica e da cultura de produtividade frequentemente presente na formação médica.

A amostra foi composta por 279 estudantes de Medicina, com elevada taxa de adesão à pesquisa, uma vez que 99,6% dos participantes concordaram voluntariamente em participar do estudo. Observou-se predominância do sexo feminino (69,9%), enquanto o sexo masculino correspondeu a 29,4% da amostra. Em relação à faixa etária, verificou-se perfil predominantemente jovem, com 65,9% dos participantes entre 18 e 23 anos, seguido da faixa entre 24 e 30 anos (25,8%). Além disso, identificou-se maior concentração de estudantes nos períodos intermediários e avançados da graduação, especialmente no 7º período (25,8%), seguido pelo 1º período (19%). O perfil sociodemográfico da amostra está demonstrado na Tabela 1.

Tabela 1 – Caracterização sociodemográfica dos participantes (n = 279)

Variável	n (%)
Sexo	
Feminino	195 (69,9%)
Masculino	82 (29,4%)
Não-binário/Outro/Prefere não responder	2 (0,7%)
Período do curso	
1º período	53 (19,0%)
3º período	24 (8,6%)
4º período	31 (11,1%)
5º período	23 (8,2%)
7º período	72 (25,8%)
Outros períodos	76 (27,3%)
Faixa etária	
18–23 anos	184 (65,9%)
24–30 anos	72 (25,8%)
31 anos ou mais	23 (8,3%)
Situação de moradia	
Com familiares	169 (60,6%)
Sozinho(a)	70 (25,1%)
Com amigos	33 (11,8%)
Outras configurações	7 (2,5%)

Fonte: Dados da pesquisa, 2026

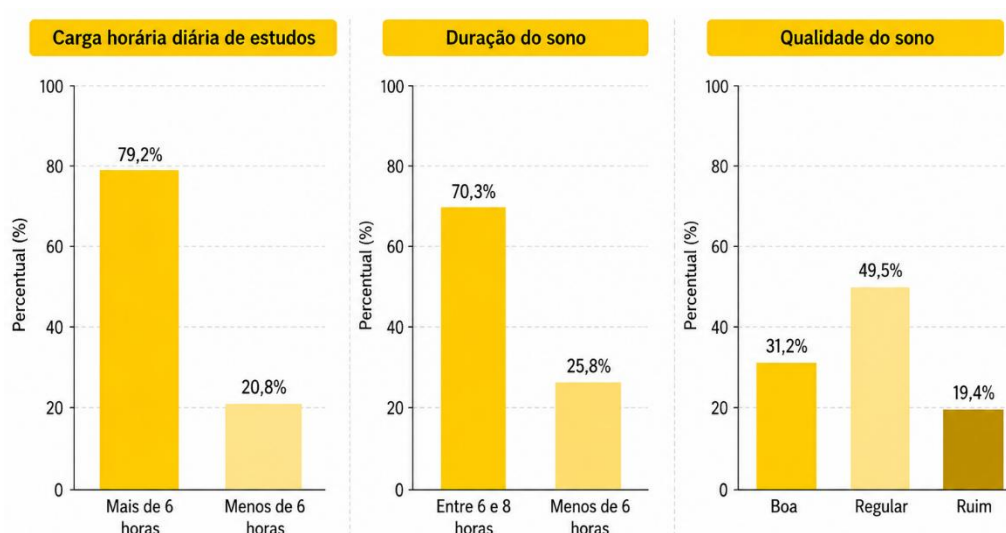
A predominância de estudantes jovens e em fases mais avançadas do curso pode estar diretamente relacionada à maior exposição a fatores estressores, incluindo elevada carga

horária, privação de sono, pressão por desempenho e exaustão emocional. Estudos apontam que estudantes de Medicina apresentam maiores índices de sofrimento psíquico quando comparados à população universitária geral, especialmente durante períodos de maior exigência prática e teórica, o que pode favorecer comportamentos compensatórios, como o uso de substâncias estimulantes.

Quanto às condições de rotina acadêmica, observou-se que 79,2% dos participantes relataram dedicar mais de seis horas diárias aos estudos, incluindo aulas e atividades extraclasse. Paralelamente, 25,8% afirmaram dormir menos de seis horas por dia, enquanto apenas pequena parcela relatou dormir mais de oito horas. Em relação à qualidade do sono, 49,5% classificaram-na como regular e 19,4% como ruim.

Esses resultados, expostos no Gráfico 1, sugerem importante comprometimento do descanso e da recuperação física dos estudantes, aspecto frequentemente associado ao desenvolvimento de fadiga crônica, alterações cognitivas e sintomas ansiosos. A privação de sono prolongada possui relação direta com piora do rendimento acadêmico, prejuízo da memória, redução da capacidade de concentração e aumento da vulnerabilidade emocional, criando um ciclo no qual muitos estudantes passam a recorrer aos estimulantes como estratégia de compensação fisiológica.

Gráfico 1 - Relação entre carga horária de estudos, duração do sono e qualidade do sono



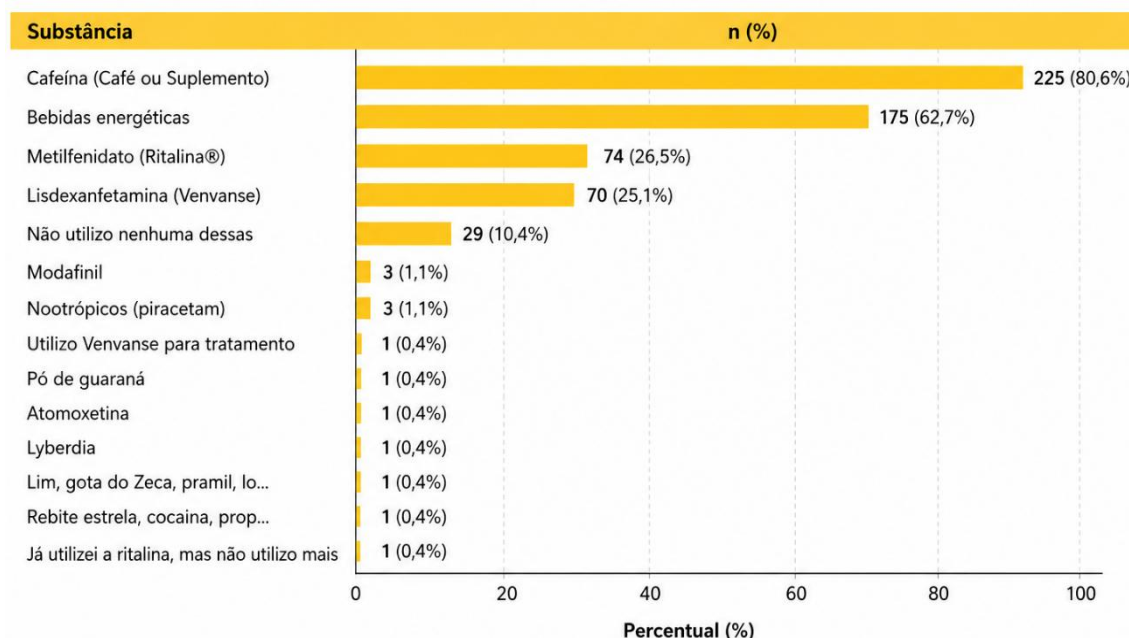
Fonte: Dados da pesquisa, 2026

O padrão de consumo de substâncias estimulantes identificado neste estudo foi expressivamente elevado e pode ser visualizado no Gráfico 2. A cafeína, presente em café ou

suplementos, foi utilizada por 80,6% dos participantes, seguida pelas bebidas energéticas, com prevalência de 62,7%. Entre os estimulantes farmacológicos, o metilfenidato foi referido por 26,5% dos estudantes e a lisdexanfetamina (Venvanse) por 25,1%. Apenas 10,4% dos participantes relataram não utilizar nenhuma das substâncias investigadas.

Os dados revelam ampla naturalização do consumo de estimulantes no ambiente acadêmico, especialmente daqueles de fácil acesso e aceitação social, como cafeína e energéticos. Entretanto, chama atenção a prevalência significativa do uso de psicoestimulantes farmacológicos, substâncias que possuem potencial de abuso e efeitos neuropsiquiátricos relevantes, sobretudo quando utilizadas sem acompanhamento médico adequado.

Gráfico 2 - Principais substâncias estimulantes utilizadas pelos participantes



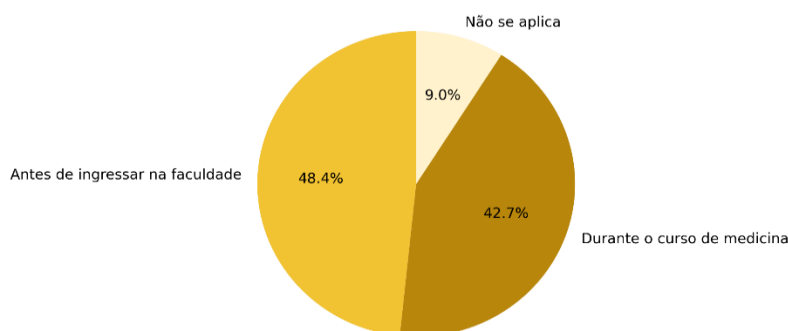
Fonte: Dados da pesquisa, 2026

No que se refere à frequência de consumo, conforme demonstrado na Tabela 2, 39,8% dos estudantes relataram uso diário de estimulantes, configurando o padrão mais prevalente. Além disso, 15,8% referiram consumo semanal e 15,1% afirmaram utilizar essas substâncias principalmente em períodos de provas ou maior demanda acadêmica. Observou-se ainda que, conforme ilustrado na Figura 1, 42,7% dos participantes iniciaram o uso durante a graduação, enquanto 48,4% já apresentavam contato prévio com essas substâncias antes do ingresso na faculdade.

Tabela 2 – Frequência de consumo de estimulantes

Frequência de consumo	n (%)
Diariamente	111 (39,8%)
1 ou mais vezes na semana	44 (15,8%)
Algumas vezes no mês	33 (11,8%)
Somente em períodos de prova	42 (15,1%)
Somente durante plantões	5 (1,8%)
Uso ocasional, sem frequência	40 (14,3%)
Já utilizei no passado	35 (12,5%)
Nunca utilizei	11 (3,9%)

Figura 1 – Momento de início do uso de estimulantes

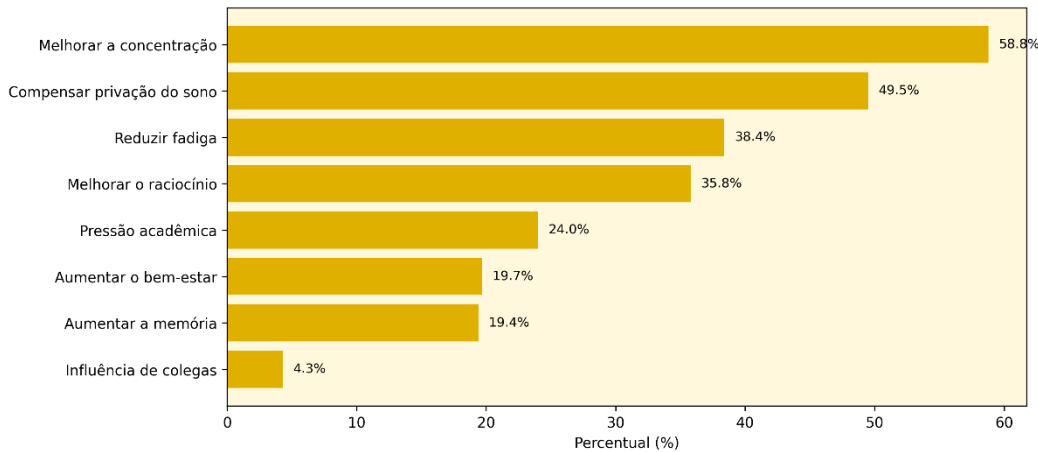


Fonte: Dados da pesquisa, 2026

Esse achado sugere que, embora o uso de estimulantes não se origine exclusivamente no contexto universitário, o ambiente acadêmico atua como importante fator de manutenção e intensificação do consumo. A formação médica, frequentemente marcada por competitividade, autocobrança e valorização excessiva da produtividade, pode contribuir para a consolidação de hábitos potencialmente prejudiciais à saúde física e mental.

As principais motivações associadas ao consumo, conforme evidenciado na Figura 2, foram melhora da concentração (58,8%), compensação da privação de sono (49,5%), redução da fadiga (38,4%) e melhora do raciocínio (35,8%). A pressão acadêmica foi mencionada por 24% dos estudantes.

Figura 2 – Principais motivações para uso de estimulantes



Fonte: Dados da pesquisa, 2026

Os resultados demonstram que o uso dessas substâncias está fortemente associado à tentativa de maximização do desempenho cognitivo e à necessidade de adaptação a uma rotina considerada excessivamente desgastante. Mais do que uma simples busca por rendimento, o consumo parece refletir dificuldade de equilíbrio entre desempenho acadêmico, descanso e saúde mental. Esse cenário evidencia um modelo de formação frequentemente pautado em sobrecarga, no qual o repouso e o autocuidado tendem a ser negligenciados.

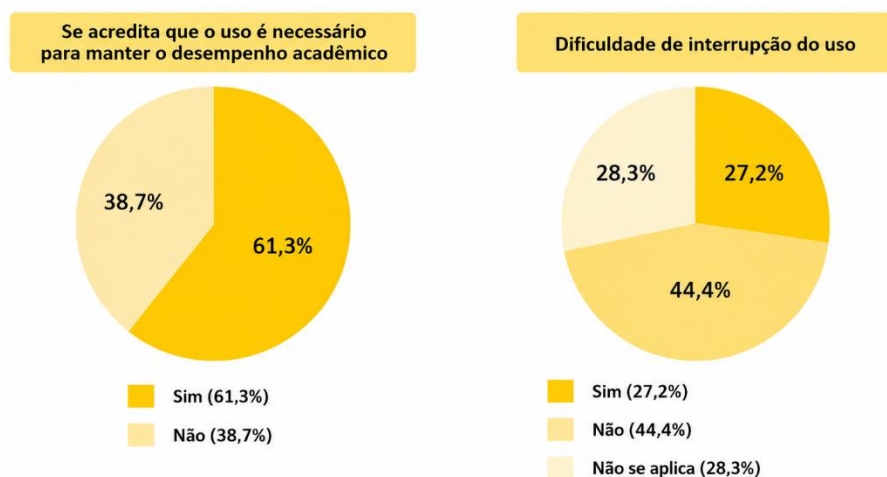
Em relação aos efeitos percebidos após o uso, destacaram-se redução do sono (60,6%) e melhora da concentração (51,3%). Também foram relatados melhora do raciocínio (34,8%), redução da fadiga (25,8%) e melhora da memória (17,9%). Entretanto, embora os estudantes reconheçam benefícios relacionados ao desempenho acadêmico, também foram descritos efeitos negativos, incluindo ansiedade, palpitações e sintomas físicos associados.

Esses achados reforçam a dualidade existente no consumo de estimulantes. Apesar dos efeitos percebidos como positivos a curto prazo, observa-se potencial comprometimento da saúde mental e fisiológica dos estudantes. A redução do sono, por exemplo, embora inicialmente interpretada como vantagem funcional, pode desencadear consequências importantes, como piora da regulação emocional, aumento da irritabilidade, fadiga acumulada e redução da qualidade de vida.

Outro aspecto relevante refere-se à percepção de dependência e dificuldade de interrupção do consumo. Embora 65,6% dos participantes afirmem não perceber dependência, 21,1% relataram algum grau de vínculo com o uso dessas substâncias, enquanto 27,2% referiram dificuldade em reduzir ou interromper o consumo.

Ainda que a maioria não reconheça dependência estabelecida, os dados apresentados no Gráfico 3 sugerem possível processo de normalização do consumo frequente de estimulantes no contexto acadêmico. Em muitos casos, a utilização contínua dessas substâncias passa a ser percebida como necessária para manutenção do rendimento e enfrentamento da rotina universitária, o que pode favorecer dependência psicológica e uso progressivamente mais frequente.

Gráfico 3 — Percepção de dependência e dificuldade de interrupção do uso



Fonte: Dados da pesquisa, 2026

No tocante aos hábitos de vida, observou-se que 67,7% dos participantes relataram prática regular de atividade física, enquanto 61,3% afirmaram consumo ocasional de bebidas alcoólicas. O tabagismo apresentou baixa prevalência, com 80,6% dos estudantes declarando nunca ter fumado.

Apesar de parte dos estudantes manter hábitos considerados positivos, como prática regular de exercícios físicos, os dados demonstram coexistência de comportamentos potencialmente prejudiciais à saúde, especialmente relacionados ao sono, estresse e consumo

frequente de substâncias estimulantes. Tal combinação sugere que muitos estudantes vivenciam rotina marcada por desequilíbrio entre desempenho acadêmico e autocuidado.

Por fim, embora a maioria dos participantes tenha classificado sua saúde geral como boa (53%), observou-se presença relevante de estudantes que relataram percepção apenas regular ou negativa de sua condição de saúde. Esse dado reforça a hipótese de que as exigências acadêmicas do curso de Medicina podem impactar significativamente o bem-estar físico e emocional dos estudantes, especialmente quando associadas à privação de sono, sobrecarga cognitiva e uso recorrente de substâncias estimulantes.

De maneira geral, os resultados desta pesquisa demonstram que o uso de estimulantes encontra-se amplamente disseminado entre estudantes de Medicina, sendo frequentemente utilizado como estratégia de enfrentamento das exigências acadêmicas. Os achados reforçam a necessidade de desenvolvimento de políticas institucionais voltadas à promoção da saúde mental, conscientização sobre os riscos associados ao consumo indiscriminado dessas substâncias e construção de ambientes acadêmicos menos adoecedores e mais humanizados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste estudo evidenciaram elevada prevalência do uso de substâncias estimulantes entre estudantes de Medicina, demonstrando que essa prática se encontra amplamente inserida no contexto acadêmico. A cafeína e as bebidas energéticas destacaram-se como as substâncias mais utilizadas, embora também tenha sido observada frequência relevante do consumo de psicoestimulantes farmacológicos, como metilfenidato e lisdexanfetamina. As principais motivações relatadas estiveram relacionadas à melhora da concentração, compensação da privação de sono e redução da fadiga, aspectos diretamente associados à elevada carga horária e às intensas exigências cognitivas da formação médica. Além disso, observou-se associação entre o uso dessas substâncias e alterações relacionadas ao sono, sintomas ansiosos e percepção de dependência, evidenciando possíveis impactos negativos à saúde física e mental dos estudantes.

Diante desses achados, torna-se fundamental ampliar a discussão acerca da cultura de produtividade presente no ensino médico e de seus reflexos sobre a qualidade de vida dos acadêmicos. Nesse contexto, as instituições de ensino superior devem fortalecer estratégias de apoio psicológico, promoção da saúde mental e conscientização sobre os riscos do uso indiscriminado de estimulantes, incentivando práticas de autocuidado e equilíbrio entre

desempenho acadêmico e bem-estar. Por fim, ressalta-se a importância da realização de novas pesquisas sobre a temática, especialmente estudos que permitam aprofundar a compreensão dos impactos do consumo dessas substâncias na formação e na saúde dos futuros profissionais médicos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. S.; GOMES, D. L.; SOUZA, P. R. Riscos psicossociais associados ao uso de metilfenidato por universitários. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 71, n. 3, p. 210-217, 2022.

ARRIA, A. M.; DUPONT, R. L. Nonmedical prescription stimulant use among college students: why we need to do something and what we need to do. **Journal of Addictive Diseases**, v. 29, n. 4, p. 417-426, 2010.

MCCABE, S. E.; TETER, C. J.; BOYD, C. J. Medical use, illicit use and diversion of prescription stimulant medication. **Journal of Psychoactive Drugs**, v. 38, n. 1, p. 43-56, 2006.

OLIVEIRA, A. M. A.; BATISTA, A. G.; FERNANDES, S. Uso de psicoestimulantes por estudantes universitários: uma revisão sistemática. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 41, n. 2, p. 158-166, 2019.

VILAR, R.; FONTES, P. L. B.; SILVA, T. M. O uso de psicoestimulantes entre universitários brasileiros: uma revisão narrativa. **Saúde e Sociedade**, v. 26, n. 2, p. 502-514, 2017.

WEYANDT, L. L. *et al.* Misuse of prescription stimulants among college students: a comprehensive review and meta-analysis. **Journal of Experimental and Clinical Neuropsychology**, v. 35, n. 5, p. 437-456, 2013.